

Se lágrimas fossem medalhas olímpicas...

Valter Nilton Felix

Lágrimas e lágrimas. Dos que ganham (bem menos abundantes) e dos que perdem, nos jogos olímpicos.

Despreparo, instabilidade, excesso de confiança ou falta dela, ou simples incompetência, eis os ingredientes de um belo suco de lágrimas.

A altivez é a maior qualidade dos fortes. Desde que com real potencial, é melhorar o desempenho o único caminho, pois de nada servem as lamentações, que só fazem relevar a ingloria.

Criticar a falta de estrutura só serve para aliviar a frustração; investe-se, na verdade, mal. A delegação olímpica brasileira é grande demais para as chances reais de medalha.

Melhor esmerar a seleção de atletas e investir naqueles que realmente podem dar retorno; se os índices de competições regionais e continentais já fazem prever o insucesso, para que desperdiçar dinheiro com o envio de perdedor certo?

Certamente as Forças Armadas são responsáveis pelo maior contingente de vencedores e os programas sociais por alguns. Faltam nesse cenário só as escolas, mas o sucesso dependeria de profunda reestruturação do setor, que anda despedaçado há décadas.

As escolas estão mais interessadas em política rasteira e em capengas orientações sobre sexualidade, pano de fundo para queda da qualidade de ensino; os professores queixam-se de má remuneração, mas, pela qualidade que têm, saem com lucro...E queremos exigir educação física – será que temos profissionais preparados para a seleção de crianças com real potencial esportivo? Ou vamos desperdiçar mais verbas? Primeiro temos que ter professores de gabarito.

Talvez olimpíadas escolares, conduzidas por alguns que realmente tenham expertise no assunto, possam ser muito mais úteis, para selecionar aquelas crianças que, de fato, mereçam maior investimento. As outras vão brincar...

Pouco dinheiro para muitos pseudoatletas funciona como bolsa família...O México já ensinou que nada que é para ser provisório é remédio curativo a longo prazo. A acomodação é inevitável – aprende-se a viver com pouco, ou então, a competir para perder.

Selecionar previamente os melhores, aperfeiçoá-los e fazê-los chegar ao topo é o desafio, assim como investir em infraestrutura, ampliar investimentos e criar empregos é bem melhor.

Caso contrário, é choro inútil, pela perda de medalha, que não teria mesmo condições de ganhar, ou pelo pouco dinheiro que percebe, sem fazer nada.